**AS MULHERES KAINGANG NA ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E NA HEREDITARIEDADE DA CULTURA**

Verena Strada1, Clarinês Hames2, Ricardo Correa2

1 Aluna do Curso de especialização *Latu Sensu* em Espaços Alternativos do Ensino e da Aprendizagem do Instituto Federal Farroupilha – Campus Santo Augusto. E-mail: [verena.strada@hotmail.com](mailto:verena.strada@hotmail.com)

2Instituto Federal Farroupilha, Campus Santo Augusto, e-mail: [clarines.hames@iffarroupilha.edu.br](mailto:clarines.hames@iffarroupilha.edu.br). [ricardo.correa@iffarroupilha.edu.br](mailto:ricardo.correa@iffarroupilha.edu.br).

...

**RESUMO:** Esta escrita foi organizada a partir da necessidade de conhecer os espaços e as atribuições da mulher indígena Kaingang, a fim de compreender qual seu papel na organização social, cultural, da família, na hereditariedade da cultura e da língua materna da comunidade a qual pertence. O interesse em organizar esta escrita surgiu da interação enquanto docente junto a comunidade indígena Kaingang Inhacorá, situada no município de São Valério do Sul-RS. A observação do cotidiano e o referencial teórico evidenciaram a importância imensurável e insubstituível da mulher na constituição de suas comunidades e enquanto disseminadoras e perpetuadoras dos costumes, das crenças e da língua entre os descendentes. A análise permitiu identificar que as mulheres Kaingang são atuantes junto às decisões políticas e administrativas, mesmo que talvez isto aconteça de forma diferente da praticada nas sociedades não indígenas.

**Palavras Chaves:** Mulher Kaingang. Cultura Kaingang. Organização sociocultural indígena.

# 1 INTRODUÇÃO

A necessidade da organização de uma pesquisa para a conclusão de um curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Espaços Alternativos de Aprendizagem, associada a minha demanda particular de conhecer melhor o público feminino com o qual venho trabalhando desde 2014 enquanto docente e encontrar possíveis respostas a questionamentos específicos acerca da cultura Kaingang, me remeteram a desenvolver esta pesquisa. Ela foi organizada em duas partes: a organização de um referencial teórico sobre a atuação feminina na cultura Kaingang e a observação das vivências das mulheres em seu cotidiano junto à comunidade indígena Kaingang da Terra Indígena Inhacorá, situada no município de São Valério do Sul-RS. Nesta produção apresentarei a primeira etapa da pesquisa: a revisão bibliográfica sobre a temática em estudo.

Partindo da análise da organização social e cultural da etnia indígena Kaingang o objetivo desta produção centrou-se em conhecer as atribuições da mulher indígena Kaingang, a fim de compreender seu papel na constituição da sociedade e da cultura Kaingang, tendo a seguinte questão de pesquisa: “Quais os espaços e atribuições da mulher Kaingang da Terra Indígena Inhacorá?” A pesquisa bibliográfica foi embasada em artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, documentos dos órgãos oficiais e livros sobre a cultura Kaingang, os quais descrevem os papéis das mulheres Kaingang e discutem as suas atribuições junto às suas comunidades. Autores como Sacchi (1999), Claudino (2015), Faustino, Novak e Lança (2010) discutem questões de gênero, de antagonismo sexual, de poder, de rituais e crenças que permeiam as diversas culturas indígenas, em especial a cultura Kaingang. Rosa (2008) destaca que existem muitos materiais que descrevem os processos de nominação, organização da política e da sociedade, bem como sobre o *Kujã[[1]](#footnote-1)* e as metades clânicas (*rá*) *Kamẽ* e *Kairu[[2]](#footnote-2)*. Todavia, pouco se escreveu sobre as atribuições e o papel da mulher na estrutura social Kaingang.

Estudos acadêmicos a respeito deste tema ainda são incipientes: a respeito das atribuições das mulheres Kaingang, durante a pesquisa foi localizado apenas o Trabalho de Conclusão de Curso de Cleci Claudino. Contudo, o mesmo descreve as mulheres da Terra Indígena de Guarita, não tendo sido identificado nenhum trabalho sobre o tema na Terra Indígena Inhacorá, de modo que este estudo pode vir a ser utilizado como referencia em trabalhos mais aprofundados a respeito da temática.

Conhecer, ainda que não em sua totalidade, a importância e os diferentes espaços de atuação da mulher indígena Kaingang permite que sejam desfeitos alguns mitos, como por exemplo, o senso comum de que o homem Kaingang é machista e que a mulher não é valorizada dentro da família e da comunidade. Vivemos um momento em que a legislação brasileira determina o estudo, em todas as escolas, dos povos indígenas e quilombolas, acredito ser imprescindível que se desmistifique as ideias de selvageria e machismo atribuídas por séculos em especial aos povos indígenas. Para tanto, é necessário conhecer as particularidades da cultura indígena Kaingang, inclusive por ser esta uma das etnias indígenas mais populosas na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul e fazer parte do contexto social diariamente, seja na comercialização do artesanato, seja quando estes se deslocam as cidades para adquirir bens e produtos no comércio, ter atendimento médico ou bancário.

O povo Kaingang está distribuído entre os estados do Sul e São Paulo, pertence à família linguística Macro – Jê e juntamente com os Xokleng integram o tronco linguístico Jê Meridionais. As comunidades Kaingang são caracterizadas como sociedades sociocêntricas[[3]](#footnote-3), visto que vivenciam e praticam a reciprocidade, são organizadas a partir de um sistema de metades clânicas, denominadas de *Kamẽ* e *Kaἷru* e que vivem em terras indígenas ou aldeias. A maior parte concentra-se na região Sul, na qual também se encontra a maior população de falantes da língua materna: o Kaingang (FAUSTINO, NOVAK e LANÇA, 2010).

Conforme Veiga (1992), o termo Kaingang (Kaingangue, caingang) foi introduzido na bibliografia em 1882 por Borba, tendo como finalidade denominar de modo genérico os grupos indígenas que falavam dialetos de uma mesma língua, “pertencentes ao tronco Jê, residentes em São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e na província Argentina de Missiones” (VEIGA, 1992, p.09). Tal denominação prevalece até a atualidade, e aplica-se também a alguns grupos que não a utilizavam anteriormente.

Segundo o Portal Kaingang os índios dessa etnia ocupam em torno de 30 áreas distribuídas entre os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, constituindo uma população de aproximadamente 34 mil pessoas, o que equivale à metade da população de língua Jê, sendo um dos povos indígenas mais populosos do país. No Rio Grande do Sul existem atualmente 12 terras Indígenas Kaingang: Cacique Doble, Carreteiro, Guarita, Inhacorá, Iraí, Ligeiro, Monte Caseros, Nonoai, Rio da Várzea, Serrinha, Ventarra e Votouro.

# 2 METODOLOGIA/ DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual de acordo com Minayo (2011) responde a questões específicas a cerca da temática a ser pesquisada, envolvendo o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2011, p. 21). Deste modo, buscar conhecer aspectos de uma cultura, no caso da pesquisa, a cultura indígena Kaingang, remetendo ao cuidado em observar os elementos indicados pela autora.

Richardson (et al, 2012) menciona que o método de pesquisa qualitativa “não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas” e esclarece que a pesquisa qualitativa aplica-se em especial aos casos em que o pesquisador busca “uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, et al, 2012, p.79).

A pesquisa bibliográfica foi organizada a partir de levantamentos e estudos de artigos, sites, teses, dissertações, documentos dos órgãos oficiais e livros que tratam das questões indígenas. Apesar de existir uma quantidade considerável de publicações sobre a temática Kaingang, poucos abordam aspectos referentes ao contexto social das comunidades, em especial sobre as especificidades atribuídas a homens e mulheres, bem como sobre as questões de gênero.

Para a realização desta pesquisa foram coletados materiais que faziam alguma referência à mulher Kaingang e a cultura Kaingang. Em seguida, foi realizada uma leitura sistemática e a posterior seleção dos materiais cuja escrita abordassem as vivências das mulheres indígenas Kaingang ou que descrevessem as atribuições da mulher Kaingang junto às suas comunidades indígenas.

# 3 RESULTADOS E ANÁLISE

A pesquisa bibliográfica permitiu conhecer e compreender aspectos importantes sobre a cultura Kaingang. Autores como Becker (1976), Veiga (1992), Sacchi (1999), Cipriano (2014), Ferreira (2014) e Claudino (2015), descrevem as atribuições cotidianas da mulher Kaingang, demonstrando a relação destas com a afirmação identitária enquanto indígena e enquanto Kaingang. Os autores também mencionam a importante função da mulher, no caso mais especificamente da mãe, de ensinar as crianças os aspectos da cultura.

Esta pesquisa organiza-se em torno da busca pelo conhecimento e compreensão da função social da mulher indígena Kaingang perante sua comunidade e precede ao conhecimento das atribuições desta de acordo com leis e costumes da referida etnia. Para os povos não indígenas, a questão de gênero pode ser compreendida como o “termo utilizado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e homens” (COLLING, 2015, p.36). A autora ainda destaca que “a questão de gênero não é universal, é uma construção histórica e cultural”. Deste modo, é importante primeiramente apresentar a concepção Kaingang sobre o “gênero”.

Becker (1976) ao descrever o índio Kaingang do Rio Grande do Sul, relata que a organização social é específica e cada um tem atribuições importantes, inclusive a mulher.

É grande a importância da mulher na sociedade Kaingáng; ela não ocupa uma posição de inferioridade, de escrava ou de simples propagadora da espécie como afirmam alguns autores. Ainda que na família ela deva submissão ao marido, tem a seu encargo, determinadas funções de acordo com os valores e necessidades do grupo. Cabe à mulher zelar pela estabilidade grupal, pois, em determinadas festas, além das tarefas normais, como cuidar dos fogos e dos alimentos, as mulheres têm outras obrigações. (BECKER, 1976, p. 138)

Segundo Sacchi (1999, p.21) “entre os Jê Meridionais, os Kaingang, não tem sido feita uma discussão sobre ‘antagonismo sexual’”, pois a principal divisão social são as metades clânicas e essas não estão “espacialmente localizadas”. Não existe “o espaço dos homens, embora as reuniões a cerca das questões da comunidade normalmente ocorram entre os homens, as questões já foram discutidas em casa com as mulheres”.

A autora ainda descreve que “a complementaridade entre os sexos é percebida porque as mulheres participam das decisões políticas da comunidade e em rituais como o *Kiki[[4]](#footnote-4), no qual a*s mulheres exercem funções muito importantes” (idem: p. 22). Além disso, salienta que a questão do gênero para os Kaingang é intrínseca ao matrimônio e à família, evidenciada nas publicações, pois “são nestas seções que se discutem a posição social da mulher e suas relações com os homens” (ibidem: p.23).

Sacchi (1999) afirma também que a uxorilocalidade atua nas relações entre os gêneros, entre as famílias Kaingang. É da interação com as mulheres mais velhas que são “as detentoras das informações” que se perpassam os conhecimentos e se “amplificam os anseios da sociedade”.

A mulher cuida da casa e da família, tira a matéria prima da mata para a confecção do artesanato, além de preparar o material que originará as diversas peças. É pela observação destas ações diárias que os filhos aprendem (Ferreira 2014). É pertinente salientar que uma das características mais peculiares da educação Kaingang, denominada por Ferreira (2014) de Pedagogia Kaingang, é a aprendizagem pela observação; os pais e os *kofá[[5]](#footnote-5)* desenvolvem seus afazeres diários, sem a prática de explicar o que está sendo realizado; os filhos observam e a partir desta observação constituem seu aprendizado e a sua forma de conhecer e compreender a cultura.

Claudino (2015) relata que as mulheres cuidam dos filhos, da casa e da lavoura, bem como a confecção e em algumas situações a venda dos artesanatos. A autora ainda descreve sobre o papel da mulher na hereditarização da língua materna (o Kaingang), pois é no contato com a mãe que a criança aprende as palavras e o significado de cada uma delas dentro da cultura, perpassando-a por entre as gerações.

Além da função de zelar pelas futuras gerações e pela hereditarização da língua materna e da cultura, à mulher também cabe o papel de atuar nas escolas indígenas e até nas lutas pelas terras, como o caso de Martina Vergueiro, relatado por Rocha (2010). Martina tornou-se uma importante referência política Kaingang ao destacar-se na luta pela demarcação da Terra Indígena do Sêgu. A autora, ao descrever alguns dos aspectos históricos dessa luta, relata a atuação de Martina.

“ela jamais assumiu qualquer liderança explícita, porém por trás da figura do marido e dos filhos, das cisões e embates políticos internos, alinhavava os argumentos para legitimar a demanda fundiária junto ao órgão indigenista e outros aliados externos (COMIM, Ministério Público Federal). (ROCHA, 2010, p.6)

A maioria dos conhecimentos Kaingang não estão registrados na forma escrita (Becker, 1976; Cipriano, 2014). Tais conhecimentos são difundidos de forma oral, passados dos mais velhos para os mais novos, fortalecendo os laços entre o passado e o futuro através da prática da língua. Deste modo, a obtenção de dados e o registro dos mesmos têm acontecido de modo fragmentado, aos poucos, através das organizações de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e relatos, feitos pelos próprios Kaingang que transitam pelos meios acadêmicos ou por pesquisadores ou antropólogos que vivenciam e descrevem a referida cultura.

# 4 CONCLUSÕES

A pesquisa revelou que para o povo Kaingang a palavra deve ser semeada, não jogada ao vento, pois ela tem poder e não pode ser recolhida depois de pronunciada. Isso explica porque, em especial as mulheres aparentem ser menos falantes que os homens. Além disso, diferentemente da mulher não indígena, a mulher Kaingang só vai fazer algum comentário se for solicitada, caso contrário, guarda suas concepções para si. Deste modo, além da língua e dos conhecimentos sobre a cultura, cabe à mulher ensinar as crianças o respeito pelo outro e pela vida.

A compreensão do papel sociocultural da mulher Kaingang perpassa uma análise de seu contexto, possível através da observação de suas vivências e do aprofundamento conceitual por meio de análise bibliográfica. Conhecer os aspectos referentes ao contexto social das comunidades, em especial sobre as especificidades atribuídas a homens e mulheres, bem como são interpretadas as questões de gênero para a cultura Kaingang, são indispensáveis antes da construção de qualquer registro.

A compreensão dos diversos aspectos que caracterizam a cultura exige que ela seja analisada através das vivências da comunidade, pois a atuação distinta de homens e mulheres justifica-se a partir do momento em que são adequadamente observadas. A pesquisa demonstrou que a mulher indígena possui função ímpar na hereditarização da cultura, pois, atua como um elo de ligação entre os feitos e a cultura de seu povo e o legado que será passado às novas gerações. Enquanto a mãe interage com os filhos, vai lhes ensinando a pronúncia das palavras conforme o dialeto da comunidade, conta histórias (no caso das mulheres mais velhas), prepara os alimentos e o artesanato enquanto os olhos atentos dos pequenos observam seus movimentos e vão aprendendo com estes.

É inquestionável a função da mulher indígena na hereditarização da cultura e das particularidades de seu povo. É evidente também que a atuação de outras culturas, em especial a não indígena, causa interferências e modificações ao longo das gerações, especificamente porque há temor e se procura readequar aquilo que é apresentado como diferente. Todavia, mesmo com anos de “branqueamento” e tentativas de “catequizar” e “civilizar” os indígenas estes ainda persistem. É a atuação das mulheres e dos *kofá* da comunidade que estão inseridos os elementos para ensinar as particularidades da cultura às futuras gerações.

# 5 REFERÊNCIAS

BECKER, Ítala Irene Basile. **O índio Kaingng no Rio Grande do Sul.** Pesquisas, Antropologia. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 29, p.1-334, 1976.

CIPRIANO, Pedro. **Terras habitadas por Kaingang, Terras habitas por colonos: a história da divisão da Terra Indígena Inhacorá.** Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CLAUDINO, Cleci. **O Papel Social da Mulher Kaingang da Terra Indígena Guarita.** 2015. 62 p. Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

COLLING, Ana Maria. *Inquietações sobre educação e gênero.* **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº8, p.33-48, jan./jun. 2015. Disponível em <http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/viewFile/687/pdf_71&gws_rd=cr&ei=Y9a2WPlZxpzCBJyDmPgN>, acessado em 16 de outubro de 2016.

FAUSTINO, Rosangela Celia; NOVAK, Maria Simone; LANÇA, Vanessa de Souza.*Educação, trabalho e gênero na sociedade indígena: estudo sobre os kaingang de Faxinal no Paraná.* **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 10, p. 341-350, 2010. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipação>. Acesso em: 18 abril 2016.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang: processos próprios de aprendizagem e educação escolar.** Tese de mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>. Acesso em 11 de Março de 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis –RJ, Vozes, 2011.

PORTAL KAINGANG - <http://www.portalkaingang.org>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al.). **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo – SP, Editora Atlas S.A, 2012.

ROCHA, Cinthia Creatini da. *O papel político e feminino na organização social kaingang.* In: Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 9, agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277601188_ARQUIVO_ApresentacaoFinal_formatada30junho.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

SACCHI, Angela Célia. **Antropologia de gênero e etnologia kaingang: uma introdução ao estudo de gênero na área indígena Mangueirinha/Paraná.** Dissertação do curso de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

VEIGA, Juracilda. **Revisão bibliográfica crítica sobre organização social Kaingang.** Cadernos do Centro de Organização da Memória, Sociocultural do Oeste de Santa Catarina – CEOM, ano 6, nº8, Chapecó, CEOM-UNOESC, 1992. Disponível em http://www.portalkaingang.org . Acessado em maio de 2016.

1. Líder espiritual Kaingang, que também colhe remédios e encaminha para aqueles que o procuram. [↑](#footnote-ref-1)
2. “O aspecto fundamental da organização social dos Kaingang é a divisão nas metades Kamẽ e Kainhru. Tal divisão faz parte da identidade cultural do povo Kaingang e este aspecto define o ciclo de vida desde o nascimento até o fim da vida de uma pessoa Kaingang. Os Kamẽ estão relacionados ao Oeste e à pintura facial Rátéj (com pintura comprida). Possuem as seguintes características: são ligeiros, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. E os Kainhru são relacionados ao Leste e à pintura facial Rá Ror (com pintura redonda). Ao contrário dos Kamẽ, os Kainhru são vagarosos, porém persistentes e firmes nas lutas. Nos casamentos as metades Kamẽ e Kainhru se unem e os filhos sempre pertencem à marca do pai, sejam meninos ou meninas. Assim, verifica-se a patrilinearidade, ou seja, o pai sendo Kamẽ, por exemplo, seus filhos também o serão.” (CLAUDINO, 2015, p. 21) [↑](#footnote-ref-2)
3. Sociocêntricas: centradas no grupo. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ritual do Kiki, também identificado como festa ou culto aos mortos. [↑](#footnote-ref-4)
5. Nome atribuído aos membros mais velhos da comunidade, que por sua vivência, são detentores do conhecimento. [↑](#footnote-ref-5)